

## Subsídios para tema Namoro e Casamento

Em O Livro dos Espíritos, item 291, encontramos o seguinte:

291 – Além da simpatia geral, oriunda da semelhança que entre eles exista, votam-se os Espíritos recíprocas afeições particulares?

— Do mesmo modo que os homens, sendo, porém, que mais forte é o laço que prende os Espíritos uns aos outros, quando carentes de corpo material, porque então esse laço não se acha exposto às vicissitudes das paixões.

Emmanuel, in: Vida e Sexo, assim fala sobre o namoro:

“A integração de duas criaturas para a comunhão sexual começa habitualmente pelo período de namoro que se traduz por suave encantamento.

Dois seres descobrem um ao outro, de maneira imprevista , motivos e apelos para a entrega recíproca e daí se desenvolve o processo de atração.

(...)

Positivada a simpatia mútua, é chegado o momento do raciocínio.

Acontece , porém, que diminuta é, ainda , no Planeta, a percentagem de pessoas , em qualquer idade física, habilitadas a pensar em termos de auto-análise, quando o instinto sexual se lhes derrama do ser.

Estudiosos do mundo, perquirindo a questão apenas no “lado físico”, dirão talvez tão-somente que a libido entrou em atividade com o seu poderoso domínio e, obviamente, ninguém discordará, em tese, da afirmativa, atentos que devemos estar à importância do impulso criativo do sexo, no mundo psíquico, para a garantia da perpetuação da vida no Planeta.

É imperioso anotar, entretanto, em muitos lances da caminhada evolutiva do Espírito, a influência exercida pelas inteligências desencarnadas no jogo afetivo. Referimo-nos aos parceiros das existências passadas, ou, mais claramente, ao Espíritos que se corporificarão no futuro lar, cuja atuação, em muitos casos, pesa no ânimo dos namorados, inclinando afeições pacificamente raciocinadas para casamentos súbitos ou compromissos na paternidade e na maternidade, namorados esses que então se matriculam na escola de laboriosas responsabilidades. Isso porque a doação de si mesmos à comunhão sexual, em regime de prazer sem ponderação, não os exonera dos vínculos cármicos para com os seres que trazem à luz do mundo, em cuja floração, aliás, se é verdade que recolherão trabalho e sacrifício, obterão também valiosa colheita de experiência e ensinamento para o futuro, se compreenderem que a vida paga em amor todos aqueles que lhe recebem com amor as justas exigências para a execução dos seus objetivos essenciais.”

Joanna de Ângelis, in: Adolescência e Vida, assim fala sobre o namoro:

(...)

O namoro é uma necessidade psicológica, parte importante do desenvolvimento da personalidade e da aprendizagem afetiva dos jovens, porquanto, na amizade pura e simples são identificados valores e descobertos interesses mais profundos, que irão cimentar a segurança psicológica quando no enfrentamento das responsabilidades futuras.

Trata-se de um período de aproximação pessoal, de intercâmbio emocional através de diálogos ricos de idealismo, de promessas – que nem sempre se cumprem, mas que fazem parte do jogo afetivo – e sonhos, quando a beleza juvenil se inspira e produz.

(...)

O recato, a ternura, a esperança, o carinho e o encantamento constituem as marcas essenciais desses encontros abençoados pela vida. As dificuldades parecem destituídas de significado e os problemas são teoricamente de soluções muito fáceis, convidando à luta com que se estruturam para os investimentos mais pesados do futuro.

(...)

Quando o namoro derrapa em relacionamento do sexo, por curiosidade e precipitação, sem a necessária maturidade psicológica nem a conveniente preparação emocional, produz frustração, assinalando o ato com futuras coarctações, que passam a criar conflitos e produzir fugas, gerando no mundo mental dos parceiros receios injustificáveis ou ressentimentos prejudiciais.

Não raro esses choques levam a práticas indevidas e preferências mórbidas, que se transformam em patologias inquietantes na área do comportamento sexual.

É natural assim suceda, porque o sexo é departamento divino da organização física, a serviço da vida e da renovação emocional da criatura, não podendo ser usado indiscriminadamente por capricho ou por mecanismos de afirmação da polaridade biológica de cada qual.

O indivíduo tem necessidade de exercer a função sexual, como a tem de alimentar-se para viver. Não obstante essa função, porque reprodutora, traz antecedentes profundos fixados nos painéis do Espírito, arquivados no inconsciente, que não interpretados corretamente se encarregam de levá-lo a transtornos psicóticos significativos.

O período do namoro, portanto, é preparatório, a fim de predispor os adolescentes ao conhecimento das suas funções irgânicas, que podem ser bem direcionadas e administradas sem vilania, mantendo o alto padrão de consciência em relação ao seu uso.

(...)

Paulo R. Santos, in: Adolescente , mas de passagem, aborda em um dos capítulos:

Uma das experiências mais gratificantes da adolescência é o namoro. Uma forma de compartilhar emoções e ideais, de dividir angústias e esperanças. É um ensaio para a vida afetiva mais plena, ou pelo menos deveria ser, pois o jovem não distingue ainda muito bem a diferença entre gostar e amar. Em alguns casos envolve-se sexualmente com a namorada ou namorado, não conseguindo relacionar muito bem, por exemplo, sexo com gravidez. Seja por influência dos meios de comunicação, seja por pura desinformação ou mesmo irresponsabilidade, tais experiências costumam ser mais traumatizantes do que prazerosas, comprometendo muitas vezes toda a existência terrena.

(...)

Para o adolescente, o namoro é a oportunidade de Ter as primeiras experiências no campo da sexualidade. O abraçar, beijar e acariciar são sensações que lhe trazem prazer, mesmo que o afeto não seja ainda preponderante. Alguns estudiosos do comportamento humano chamam nossa atenção para o fato de que entre os catorze e dezessete, dezoito anos, há muito mais impulso sexual que afeto. É uma fase de instinto sexual, sem direção determinada.(...) Passados esses anos um pouco turbulentos, surge o erotismo. Um período em que o desejo sexual passa a ser dirigido não mais a qualquer um do sexo oposto, mas àqueles com determinadas características. O desejo sexual começa a sofrer a influência do afeto. (...)

Dentro dessa visão, que se coloca em paralelo com a ótica espírita, o afeto vai se tornando cada vez mais seletivo, até fixar-se numa determinada pessoa que, normalmente, será sua companhia por aquela jornada terrena, quando não seja um Espírito extremamente afim, que se reencontra para a continuidade da vida.(...) Nesse contexto, não se deve tratar as primeiras experiências afetivas como um passatempo, pois ninguém lesa ninguém no campo íntimo sem criar comprometimentos perante as leis divinas. Portanto, o namoro é coisa séria.

01) O que é o namoro? Qual sua base e qual sua consequência? Justifique.

02) Qual a postura, como espíritas, quanto ao namoro?

03) De que forma devemos ou podemos orientar nossos filhos com relação ao namoro?

04) Como, aqueles pais e mães divorciados, devem se posicionar perante os filhos quanto a novos namoros (dos pais)?

05) Como devemos entender e orientar quanto ao “ficar” tão em moda atualmente?

06) Hoje em dia, comum é verificarmos que o namoro vem acompanhado da vida sexual ativa entre os jovens (e entre adultos tb), inclusive sendo mostrado como padrão de comportamento na mídia, qual a postura que devemos ter? Como orientar?

07) Comente como entende, qual sua postura, qual sua compreensão face à Doutrina Espírita, sobre o namoro.

## **CASAMENTO**

No livro Vida e Sexo, psicografado por Chico Xavier, Emmanuel nos diz o seguinte:

"O casamento, ou a união permanente de dois seres, como é óbvio, implica o regime de vivência pelo qual duas criaturas se confiam uma à outra, no campo da assistência mútua.

Essa união reflete as Leis Divinas que permitem seja dado um esposo para uma esposa, um companheiro para uma companheira, um coração para outro coração, ou vice-versa, na criação e desenvolvimento dos valores para a vida.

Imperioso, porém, que a ligação se baseie na responsabilidade recíproca, de vez que na comunhão sexual um ser humano se entrega a outro ser humano e, por isso mesmo, não deve haver qualquer desconsideração entre si. (...)

Sabemos que para a Doutrina Espírita, o que realmente vale, são as intenções por trás dos atos e que, portanto, fórmulas sociais ou conveniências não podem estabelecer uma responsabilidade real se não há comprometimento, amor.

1- O que seria, verdadeiramente, o casamento, segundo a visão que a Doutrina Espírita nos apresenta?

2 - Quais os requisitos necessários para que uma relação se configure efetivamente como um casamento?

3 - Quais as responsabilidades que um casamento implica aos cônjuges, tanto material, quanto moral e espiritualmente?

4 - Qual a finalidade do casamento?

O que seja verdadeiramente ,o casamento ,segundo a visão que a Doutrina Espirita nos apresenta ?

2-Quais os requisitos necessários para que uma relação se configure efetivamente como um casamento?

3- Quais as responsabilidades de um casamento implica aos conjugues ,tanto material ,quanto moral e e espiritualmente ?

4- Qual a finalidade do casamento ?

A Joanna de Angelis ,através do Divaldo ,escreve assim no livro SOS Família:

"O lar estruturado no amor e no respeito aos direitos de seus membros é a mola propulsora do progresso geral e da felicidade de cada um ,como de todos em conjunto.

Para esse desiderato são ficados compromissos de união antes do berço ,estabelecendo-se diretrizes para a família ,cujos membros se voltam a reunir com finalidades específicas de recuperação espiritual e de crescimento intelecto-moral,no rumo da perfeição relativa que todos alcançam."

Como temos na sala ,pessoas de idades diferentes ,e alguns casados e outros para casar ,deixo aqui outro texto da Joana do mesmo livro ,que acho que ajuda muito para percebemos a crise conjugal ,antes dela crescer demais e perdemos o controle da situação.

"Indispensável que para o êxito matrimonial sejam exercitadas singelas diretrizes de comportamento amoroso.

Há alguns sinais de alarme que podem informar a situação de dificuldades antes e agravar a união conjugal .

-silêncios injustificáveis quando os esposos estão juntos ;

-tédio inexplicável ante a presença do companheiro ou da companheira ;

- ira disfarçada quando o consorte ou a consorte emite uma opinião ;
- saturação dos temas habituais ,versados em casa ,fugindo para interminas leituras de jornais ou inacabáveis novelas de televisão;
- irritabilidade contumaz sempre que se avizinha do lar;
- desinteresse pelos problemas do outro ;
- falta de intercambio de opiniões ;
- atritos contínuos que ateiã fagulhas de irascibilidade ,capazes de provocar incêndios em forma de agressão ,desta ou daquela maneira .....

E muitos outros mais .

Em O Livro dos Espíritos, vemos a resposta dada à pergunta 695, de que o casamento a união permanente de dois seres é um progresso na marcha da Humanidade.

Muitas vezes ficamos nas colocações de que tem-se que exercer tais sentimentos e ações, mas na hora das turbulências, das coisas más nos esquecemos ou não sabemos como colocar isso em prática.

Assim, resolvi colocar aqui algumas colocações do Mark Merril(tradução SergioBarros):

- "(...)Construir um casamento é similar a voar; com certeza, muitos gostariam de evitar as turbulências no casamento, mas às vezes tem que "voar através dela". O principal para "voar através da turbulência" está em aprender a resolver os conflitos e comunicar-se claramente de tal maneira que transforme qualquer turbulência em um vôo suave."

- "(...) o casamento é construído pela capacidade de duas pessoas de se ajustarem às coisas más. E dizem que existem cinco ferramentas essenciais que todo bom casamento utiliza para combater as coisas más: partilha, esperança, empatia, perdão e comprometimento."

- Três pequenas palavras que podem fazer muito pelo casamento

As três palavras são: deixa pra lá!. Isso mesmo. Deixa pra lá.

Veja, muitas vezes notamos apenas o que o nosso cônjuge faz de errado.

Começa a se tornar um péssimo hábito: procurar defeito em tudo. Na próxima vez que seu(sua) esposo(a) fizer algo do tipo se esquecer de recolher o lixo, deixar a porta da garagem aberta ou não recolher o jornal, você já sabe o que fazer: dê uma paradinha, respire fundo, morda a língua se precisar, e deixa pra lá.

Enfim, o casamento é a formação de uma parceria, com respeito, com carinho mútuo, com a união e concentração de ambos os cônjuges para a formação do lar, com exercício da educação , da tolerância, da compreensão, dos pequenos e importantes gestos diários com que se envolve o outro em amor.

Casamento: união física e espiritual

"À Luz do Espiritismo, o casamento monogâmico, união permanente de um homem e uma mulher:

- é um progresso na marcha da humanidade (representa um estado superior ao de natureza, em que vivem os animais);

- atende à afinidade (que unem os semelhantes) ou à necessidade de expiações (resgates ou correções de erros cometidos anteriormente) ou à missões (que regeneram e santificam);

- resulta de resoluções tomadas na vida de infinito, antes da reencarnação dos espíritos (livremente assumido pelos que já sabem e podem fazê-lo; sob orientação dos mentores mais elevados, os que ão estão habilitados para isso). Tem pois, o casamento, um iniludível caráter e implicações espirituais. Deve se basear no afeto e na responsabilidade recíprocos e ser respeitado e mantido o mais possível. Empenhem-nos com toda a boa-vontade, toelrância e devotamento aos nossos compromissos conjugais."

(Fonte: Iniciação ao Espiritismo, Therezinha Oliveira, Editora EME, Cap. 13 - Os Espíritas e o Casamento, pg 70).

Espiritismo e Lar

"Classificação dos Casamentos:

Acidentais: encontro de almas inferiorizadas, por efeito de atração momentânea, sem qualquer ascendente espiritual.

Provacionais: reencontro de almas, para reajuste necessários à evolução de ambos.

Sacrificiais: reencontro de alma iluminada com alma inferiorizada, com o objetivo de redimí-la.

Afins: reencontro de corações amigos, para consolidação de afetos.

Transcendentes: almas engrandecidas no Bem e que se buscam para realizações imortais.

Evidentemente, o instituto do matrimônio, sagrado em suas origens, tem reunido no mesmo teto os mais variados tipos evolutivos, o que vem demonstrar que a união na Terra, funciona, às vezes como meio de consolidação de laços de pura afinidade espiritual, e noutros casos, em sua maioria, como instrumento de reajuste.

Algumas vezes o lar é um santuário, um templo, onde as almas engrandecidas pela legítima compreensão exaltam a glória suprema do amor sublimado.

Em sua maioria, porém, os lares são cadinhos purificadores, onde, sob o calor de rudes provas e dolorosos testemunhos, Espíritos frágeis caminham, vagarosamente, na direção do Mais Alto."

(Fonte: Estudando a Mediunidade, Martins Peralva, Editora FEB, Capítulo 18, Espiritismo e Lar, pg 101.)

3. Mas, na união dos sexos, a par da lei divina material, comum a todos os seres vivos, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor. Quis Deus que os seres se unissem não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se lhes transmitisse aos filhos e que fossem dois, e não um somente, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir. Nas condições ordinárias do casamento, a lei de amor é tida em consideração? De modo nenhum. Não se leva em conta a afeição de dois seres que, por sentimentos recíprocos, se atraem um para o outro, visto que, as mais das vezes, essa afeição é rompida. O de que se cogita, não é da satisfação do coração e sim da do orgulho, da vaidade, da cupidez, numa palavra: de todos os interesses materiais. Quando tudo vai pelo melhor consoante esses interesses, diz-se que o casamento é de conveniência e, quando as bolsas estão bem aquinhoadas, diz-se que os esposos igualmente o são e muito felizes hão de ser. Nem a lei civil, porém, nem os compromissos que ela faz se contraíam podem suprir a lei do amor, se esta não preside à união, resultando, freqüentemente, separarem-se por si mesmos os que à força se uniram; torna-se um perjúrio, se pronunciado como fórmula banal, o juramento feito ao pé do altar. Daí as uniões infelizes, que acabam tornando-se criminosas, dupla desgraça que se evitaria se, ao estabelecerem-se as condições do matrimônio, se não abstraísse da única que o sanciona aos olhos de Deus: a lei de amor. Ao dizer Deus: "Não sereis senão uma só carne", e quando Jesus disse: "Não separeis o que Deus uniu", essas palavras se devem entender com referência à união segundo a lei imutável de Deus e não segundo a lei mutável dos homens.

4. Será então supérflua a lei civil e dever-se-á volver aos casamentos segundo a Natureza? Não, decerto. A lei civil tem por fim regular as relações sociais e os interesses das famílias, de acordo com as exigências da civilização; por isso, é útil, necessária, mas variável. Deve ser providente, porque o homem civilizado não pode viver como selvagem; nada, entretanto, nada absolutamente se opõe a que ela seja um corolário da lei de Deus. Os obstáculos ao cumprimento da lei divina promanam dos prejuízos e não da lei civil. Esses prejuízos, se bem ainda vivazes, já perderam muito do seu predomínio no seio dos povos esclarecidos; desaparecerão com o progresso moral que, por fim, abrirá os olhos aos homens para os males sem conto, as faltas, mesmo os crimes que decorrem das uniões contraídas com vistas unicamente nos interesses materiais. Um dia perguntar-se-á o que é mais humano, mais caridoso, mais moral: se encadear um ao outro dois seres que não podem viver juntos, se restituir-lhes a liberdade; se a perspectiva de uma cadeia indissolúvel não aumenta o número de uniões irregulares.

(Fonte: O Evangelho Segundo o Espiritismo, Allan Kardec, Cap. 22, itens 3 e 4)

### As Mil e uma Noites

Estou me entregando ao prazer ocioso de reler As mil e uma noites.

O encantamento começa com o título que, nas palavras de Jorge Luis Borges, é um dos mais belos do mundo. Somando ele, a sua beleza particular se deve ao fato de que a palavra ali! é, para nós, quase sinônimo de infinito. "Falar em mil noites é falar em infinitas noites. E dizer mil e uma noites é acrescentar uma além do infinito."

As mil e uma noites são a história de um amor — um amor que não acaba nunca. Não existe ali lugar para os versos imortais do Vinícius (tão belos que o próprio Diabo citou em sua polêmica com o Criador): "Que não seja eterno, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure.,." Estas são palavras de alguém que já sente o sopro do vento que dentro em pouco apagará a vela: declaração de amor que anuncia uma despedida.

Mas é isto que quem ama não aceita. Mesmo aqueles em quem a chama se apagou sonham em ouvir de alguém, um dia, as palavras que Reine escreveu para uma mulher: "Eu te amarei eternamente e ainda depois." É preciso que a chama não se apague nunca, mesmo que a vela vá se consumindo. A arte de amar a arte de não deixar que a chama se apague. Não se deve deixar a luz dormir. É preciso se apressar em acordá-la (Bachelard). E, coisa curiosa: a mesma chama que o vento impetuoso apaga volta a se acender pela carícia do sopro suave...

As mil e uma noites são uma história da luta entre o vento impetuoso e o sopro suave. Ela revela o segredo do amor que não se apaga nunca.

Um sultão, descobrindo—se traído pela esposa a quem amava perdidamente, toma uma decisão cruel. Não podia viver sem o amor de

uma mulher. Mas também não podia suportar a possibilidade da traição. Resolve, então, que iria se casar com as moças mais belas dos seus domínios, mas depois da primeira noite de amor, mandaria decapitá-las. Assim o amor se renovaria a cada dia em todo o seu vigor de fogo impetuoso, sem nenhum sopro de infidelidade que pudesse apagá-lo. Espalham-se logo, pelo reino, as notícias das coisas terríveis que aconteciam no palácio teal: as jovens desapareciam, logo depois da noite nupcial. Xerazade, filha do vizir, procura então o seu pai e lhe anuncia sua espantosa decisão: desejava tornar-se esposa do sultão. O pai, desesperado, lhe revela o triste destino que a aguardava, pois ele mesmo era quem cuidava das execuções. Mas a jovem se mantém irredutível.

A forma como o texto descreve a jovem Xerazade é reveladora. Quase nada diz sobre sua beleza. Faz silêncio total sobre o seu virtuosismo erótico. Mas conta que ela lera livros de toda espécie, que havia memorizado grande quantidade de poemas e narrativas, que decorara os provérbios populares e as sentenças dos filósofos.

E Xerazade se casa com o sultão. Realizando os atos de amor físico que acontecem nas noites de núpcias, quando o fogo do amor carnal já se esgotara no corpo do esposo, quando só restava esperar o ar do dia para que a jovem fosse sacrificada, ela começa a falar, Conta histórias. Suas palavras penetram os ouvidos vaginais do sultão.

Suavemente, como música. O ouvido é feminino, vazio que espera e acolhe, que se permite ser peneirado.

A fala é masculina, algo que cresce e penetra nos vazios da alma.

Segundo antiquíssima tradição, foi assim que o deus humano foi concebido: pelo sopro poético do Verbo divino, penetrando os ouvidos encantados e acolhedores de uma virgem.

O corpo é um lugar maravilhoso de delícias. Mas Xerazade sabia que todo amor construído sobre as delícias do corpo teria vida breve. A chama se apaga tão logo o corpo se tenha esvaziado do seu fogo. O seu triste destino é ser decapitado pela madrugada:

não é eterno, posto que é chama. E então, quando as chamas dos corpos já se haviam apagado, Xerazade sopra suavemente. Fala. Erotiza os vazios adormecidos do sultão. Acorda o mundo mágico da fantasia. Cada história contém uma outra, dentro de si, infinitamente. Não há um orgasmo que ponha fim ao desejo. E ela lhe parece bela, como nenhuma outra. Porque uma pessoa é bela, não pela beleza dela, mas pela beleza nossa que se reflete nela..

Conta a história que o sultão, encantado pelas histórias de Xerazade, foi adiando a execução, por mil e uma noites, eternamente e um dia mais.

Não se trata de uma estória de amor, entre outras. É, ao contrário, a história do nascimento e da vida do amor. O amor vive neste sutil fio de conversação, balançando-se entre a boca e o ouvido, A Sonia Braga, ao final do documentário de celebração dos 60 anos do Tom Jobim, disse que o Tom era o homem que toda mulher gostaria de ter. E explicou: ``Porque ele é masculino e feminino ao mesmo tempo..." O segredo do amor é a androgenia:

somos todos, homens e mulheres, masculinos e femininos ao mesmo tempo. É preciso saber ouvir. Acolher. Deixar que o outro entre dentro da gente. Ouvir em silêncio. Sem expulsá-lo por meio de argumentos e contra-razões. Nada mais fatal contra o amor que a resposta rápida. Alfange que decapita. Há pessoas muito velhas cujos ouvidos ainda são virginais: nunca foram penetrados. E é preciso saber falar. Há certas falas que são um estupro. Somente sabem falar os que sabem fazer silêncio e ouvir. E, sobretudo, os que se dedicam à difícil arte de adivinhar:

adivinhar os mundos adormecidos que habitam os vazios do outro. As mil e uma noites são a história de cada um. Em cada um mora um sultão. Em cada um mora uma Xerazade. Aqueles que se dedicam à sutil e deliciosa arte de fazer amor com a boca e o ouvido (estes órgãos sexuais que nunca vi mencionados nos tratados de educação sexual...) podem ter a esperança de que as madrugadas não terminarão com o vento que apaga a vela, mas com o sopro que a faz reacender-se.

Rubem Alves

